Arquivo Histórico de Joinville

Volume 3 Número 2 Março de 1986.

Criado pela Lei Municipal n. 1182 de 20/03/1972 na gestão do Prefeito Harald Karmann, tendo sido seu 1º Diretor A.B.Schneider

Prefeitura Municipal de Joinville - PMJ
Prefeito: Sr. Wittich Freitag

Fundação Cultural de Joinville - FCJ
Presidente: Prof. Miraci Dereti

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ
Responsável: Maria Thereza Bübel

Equipe de Trabalho:

Elly Herkenhoff - Historiadora
Fátima Tenilda Rodrigues Cassales - Arquivista
Gessônia Leite de Andrade - Datilógrafa
Carmen Buchholz - Datilógrafa
José da Silva - Auxiliar
Adriana Maria Pereira - Estagiária

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ
v.1, n.1, out./1983 Joinville, 1983
Trimestral.

I. Documentação. História de Joinville.
Periódico.

CDU 002:9(816.42J)(05)
CDD 029.7098154005

SUMÁRIO

página

A emigração para o Brasil e para a Colônia Dona Francisca em especial.
Trad.: Maria Thereza Bübel..... 3

Subsídios Históricos
Coord. e Trad.: Rosa Herkenhoff..... 10

Relatório Trimestral de Atividades..... 12

A emigração para o Brasil e para a Colônia Dona Francisca em especial.

Trad.: Maria Thereza Bübel

Algumas palavras aos nossos conterrâneos alemães e suíços.

Até há uma década, os Estados Unidos da América do Norte eram o único país, para o qual o alemão que pretendia emigrar lançava seus olhos e onde podia se abrigar das condições oprimentes do velho mundo. Hoje isto mudou. Os partidos que regem aquele país, o caráter pouco hospitaleiro e ganancioso do norte-americano, o ódio e o desprezo com que era recebido o imigrante alemão nos Estados Unidos, faziam com que os alemães se afastassem cada vez mais desanimados das costas norte-americanas; está sendo preparada, inclusive uma nova emigração em massa, de alemães aí radicados. Outros países estão surgindo como destino de imigração, como Califórnia, Chile, Brasil, Austrália; mas nenhum deles merece tanta atenção como o Império do Brasil, abençoado tão ricamente com todos os tesouros da Natureza.

Este país maravilhoso, dotado de todas as fontes de riqueza e localizado em zona climática que propricia a produção dos melhores frutos da terra, ressente-se atualmente da falta de milhões de mãos laboriosas, para transformar os vales e colinas cobertos de um eterno verde, as extensas planícies cobertas de um mar de relva em domicílio de pessoas livres e felizes.

A opinião corrente na Alemanha é de que o Brasil seria um país quente, sob os raios perpendiculares do sol tropical e totalmente impróprio para o colono alemão acostumado a um clima mais frio. Mas estudando com atenção a localização geográfica de um país que tem uma área equivalente à da Europa (com exceção da Rússia) veremos que na realidade as condições são outras do que nos ensina o mapa. Não apenas que as províncias meridionais como Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, se localizam na zona temperada, mas que o próprio Brasil tropical, com exceção das grandes extensões de terra às margens do Amazonas e seus afluentes, é na verdade uma costa que mede em média 2 a 3 milhas de largura, um planalto geralmente à 4-5000 pés acima do nível do mar e com condições climáticas iguais ao sul da França e norte da Itália, as regiões mais belas da Europa. As províncias sulinas e os planaltos do Brasil só podem ser considerados como as mais apropriadas e aconselháveis ao organismo do imigrante alemão, e aqui, onde o inverno não envolve a terra durante vários meses, condenando o agricultor à inatividade, crescem as mais belas prendas do sul: café, laranja, cana-de-açúcar, chá, fraternalmente ao lado dos produtos do norte: batatas e cereais de todos os tipos.

Entre todos os países da América Central e do Sul, alegra-se o Império do Brasil de ter as condições mais ordeiras e legalmente organizadas. Sua organização política é a mais livre e baseada na vontade e independência do povo, de modo que o Brasil dá prova de que, também numa monarquia, sem desprestígio da honra e da majestade da coroa, todas as liberdades, reivindicadas geralmente pelas repúblicas, crescem e prosperam muito bem, sob um governo sábio e sem preconceitos, levando à verdadeira felicidade do povo. A propriedade e a segurança pessoal do cidadão são fortemente protegidas, a casa do cidadão é um santuário sagrado, no qual nem mesmo as autoridades se atrevem a entrar sem respeitar as formas legais. O povo brasileiro é hospitaleiro e paciente e sabe valorizar o trabalho e a aplicação alemã, assim como o alemão ocupa uma posição social entre os brasileiros bem diferente daquela entre os ianques. As grandiosas concessões da Câmara dos Deputados do Império (6000 contos de réis, cerca de 5 milhões thaler prussianos) e de quase todas as Câmaras Provinciais para a causa da colonização são a melhor prova de como o governo e o povo reconhecem as verdadeiras necessidades do país; e sempre foram e são a Alemanha e a Suíça, com seu povo inteligente e aplicado, que atraem a atenção por parte do governo e do povo. As acusações de que o imigrante alemão viria substituir a população escrava, cada vez menos numerosa, deve ser considerada como maldosa e injusta, face à organização política do país e o caráter do povo brasileiro. Todo imigrante pode, passados 2 anos, naturalizar-se gratuitamente e gozar de todos os direitos civis e a maioria dos direitos políticos tal qual o nativo. Assim como todos, a partir do momento da chegada, podem contar com a proteção da lei e da atenção das autoridades. Apesar de a religião oficial ser a católica romana, todos os cidadãos, não importa a que religião pertençam, são iguais perante a lei, o governo cuida mesmo de maneira louvável para que nas colonizações protestantes a juventude tenha escola e culto protestante.

Queixas, que vez ou outra fazem os colonos alemães, são por causa de alguns particulares ricos e seus contratos de parceria com colonos. Estes contratos de parceria de ricos proprietários de terras, apesar de serem regidos por leis e também nestes casos o imigrante alemão ou suíço fica em melhores condições do que na pátria, não devem merecer muita atenção, já que facilmente podem ocorrer enganos e da probidade do empreendimento depende muito; o fato é que a livre colonização dentro das colônias, onde qualquer um, com seu capital ou o trabalho de suas mãos consegue rapidamente transformar-se em proprietário, não pode prosperar melhor do que no Brasil. Como são confusas as noções a respeito dessas situações dão prova diária bons jornais alemães, como por exemplo a excelente revista "Ausland" (Exterior), que coloca a Colônia Dona Francisca na categoria das co-

lônias de parceria. Estas idéias distorcidas nos obrigam a nos estender mais detalhadamente quando passamos à nossa atual pátria, a Colônia Dona Francisca.

Em conseqüência de esforços anteriores para ajudar o imigrante alemão a escolher uma nova pátria e não deixá-lo desprotegido e sem orientação, reuniram-se, em 1849, em Hamburgo, alguns comerciantes abastados, fundando uma sociedade, baseada em ações, com este objetivo, formando a "Colonisationsverein von 1849" (Sociedade Colonizadora de 1849). O Príncipe de Joinville colocou suas terras, localizadas na Província de Santa Catarina e adquiridas através do seu casamento com uma princesa brasileira, à disposição da recém-formada sociedade; as negociações tiveram êxito e a sociedade firmou um acordo com o Príncipe, sobre a cessão de cerca de 9 léguas quadradas. Negociações concretizadas no final de 1855, em conseqüências das quais o Príncipe participou com um apreciável número de ações, acrescentavam mais 3 léguas quadradas. A Sociedade Hamburguesa é proprietária das terras e vende-as aos colonos imigrantes, que passam assim a proprietários livres.

Não vamos falar dos primeiros insucessos ocorridos na Colônia e as enormes dificuldades com que tinham que lutar os primeiros colonizadores; é de admirar, no entanto, que com as instalações de recepção insuficientes, as exalações insalubres da floresta virgem, a escassez de qualquer sistema de escoamento das águas, não tenham perecido ainda mais imigrantes e condenado a Colônia logo após sua instalação ao total malôgro. Agora não há mais vestígios destes males que dizimaram os primeiros colonizadores em 1850 e 51. O desmatamento de grandes extensões de mata virgem provocou a passagem livre dos ventos terrestres e da brisa do mar, e estes não deixaram de expulsar as brumas da floresta virgem. Ar puro e sol e suficientes valas de escoamento afastaram facilmente em todo o lugar, as águas paradas e a umidade excessiva, de modo que, onde os primeiros colonizadores atolavam até os joelhos num verdadeiro pântano, agora carroças carregadas, mesmo em tempo chuvoso, deixam apenas rastros comuns de rodas. O clima tornou-se excelente, e enquanto antes, queixávamo-nos do excesso de chuva, hoje cuidamos de preservar a vegetação dos picos dos morros, não apenas pela reserva de madeira, mas principalmente para não transformar o excesso de chuvas em escassez e estiagem. A temperàtura é constante e mesmo os dias quentes de verão são amenizados durante o dia pela brisa do mar. O calor dos dias de verão nos meses de dezembro, janeiro, fevereiro ultrapassa quando muito 23-24 Réamur, a temperatura média do inverno nos meses junho, julho, agosto é 14-16 R. A temperatura da noites de verão fica em média em torno de 15-16 , enquanto que no inverno, pela madrugada, cai a 4-3 e ocorrem leves geadas. Uma mudança brusca, como é tão comum acontecer na Alemanha e causadora de tantos

males reumáticos, jamais ocorre aqui, podemos até afirmar que vivemos numa eterna primavera. Assim como muitas doenças da Alemanha são desconhecidas aqui, assim também o são algumas da região tropical do Brasil, como a febre amarela, que só excepcionalmente chegou até a latitude em que se localiza a Colônia, e mesmo assim só atingiu os pontos extremos da costa. O estado atual de saúde é excelente, tanto que nos anos 1856-57, com uma população de cerca de 1200 almas, não ocorreram mais de 41 (23 do sexo masculino e 18 do sexo feminino) falecimentos, número que contém casos de acidentes que podem acontecer em qualquer lugar, e alguns casos em que as pessoas já trouxeram o germe da doença fatal da Europa e chegando já doentes. Principalmente as crianças que na Europa estão sujeitas a tantas doenças, gozam aqui do melhor bem-estar e crescimento e se desenvolvem, mesmo com menos cuidados temerosos dos pais, muito mais rápida e facilmente que na velha pátria. O número de batizados no ano passado foi 54 (29 do sexo masculino e 25 do sexo feminino) de modo que as perdas por morte já foram suficientemente superadas pelo número de nascimentos. Os problemas de aclimatização, como pés inchados, ulcerados etc., não ocorrem mais com a mesma freqüência, graças à melhor alimentação e à construção de casas mais sólidas, protegidas de vento e chuva; além disso, há muitas pessoas que não sentem nenhum vestígio destes males. O mesmo acontece com feridas nos pés provocadas por bicho-de-pé (nígua); o lavar e esfregar habitual do soalho, higiene do corpo e cuidado atento para cada prurido nos pés são o melhor remédio para, se não erradicar, pelo menos tornar inofensivo o bicho-de-pé. Como são importantes a alimentação e moradia saudáveis, inclusive a higiene, que são a verdadeira proteção contra doenças, mostra-nos uma doença típica desta zona, a anemia. Enquanto esta doença grassa e praticamente dizima as famílias de pescadores brasileiros que moram perto da Colônia em choupanas úmidas, sem janelas e soalho e que se alimentam tão somente de peixe e farinha (o trigo preparado com a raiz de mandioca) e para os quais a higiene do corpo é algo desconhecido, ocorreram até agora apenas alguns casos isolados na Colônia e mesmo assim em crianças ou pessoas que, para aprendizado do idioma, moraram algum tempo com os brasileiros da região.

No que diz respeito aos animais nocivos, é lógico que a solidez das casas e a higiene, dentro delas são o principal meio para conter o afastamento destas pragas; é bem verdade que as infalíveis baratas não desaparecerão nem mesmo nas casas mais bem construídas, mas no fundo são mais suportáveis do que os percevejos da velha pátria, que felizmente aqui são totalmente desconhecidos. As pequenas pragas como mosquitos e moscardos ocorrem também no verão europeu. As moscas, que na Europa são quase insuportáveis, aqui quase não incomodam e não são muito numerosas. Aliás, é de admirar que mosquitos

e moscardos parecem sentir um prazer todo especial em aliviar os recém imigrados de seu doce sangue europeu, pois colonos radicados há mais tempo no Brasil são pouco molestados por estes insetos. Há várias espécies de cobras venenosas, sendo as mais freqüentes a jararaca e a cobra coral. Todo cuidado nestes casos é pouco, pois se não forem irritadas ou pisadas não atacam e pode-se eliminá-las facilmente com uma pancada na nuca, graças à sua lerdeza e sensibilidade. Se ocorreu uma picada, o perigo pode ser afastado, tendo-se a presença de espírito de amarrar o membro lesado imediatamente acima da picada, espremendo e queimando a ferida em seguida. São raros os casos em que colonos foram picados, e desde a instalação da Colônia não foram vitimadas mais de 3 pessoas, entre estas, recentemente, uma mulher, em virtude de picada de cobra coral. Como esta é comumente considerada inofensiva, não podemos omitir que no último caso muitos culpam o grande susto da mulher, já idosa, além do tratamento errado. As outras cobras freqüentes aqui, chamadas cobras-d'água, são seres totalmente inofensivos, perigosos apenas para rãs e camundongos. Outros animais, ditos peçonhentos, como aranhas caranguejeiras, escorpiões, lacraias (centopéias) são em parte raras, em parte causam apenas um inchaço local do membro picado, sem maiores conseqüências à saúde. As grandes feras como jaguar e onça, que aliás nunca atacam o homem, abandonaram a região da Colônia, retirando-se para regiões onde a presença humana não as assusta mais.

No que diz respeito à fertilidade da Colônia Dona Francisca, a maioria das colinas são firmadas de um barro facilmente trabalhável, enquanto nos vales depositou-se uma grossa camada de húmus sobre o barro. Somente as terras ocupadas pela localidade de Joinville e aquelas no vale do Cachoeira e destinadas à expansão da localidade, cerca de 1300 morgos, apresentam em parte um solo arenoso e infértil, mas ninguém que tenha um mínimo de bom senso vai exigir fertilidade de terras destinadas à construção de casas. As terras da Colônia assim como cerca de 60000 morgos nada deixam a desejar em fertilidade e capacidade produtiva, e as terras planas ao pé das montanhas da serra denominada Geral, que limita a Colônia ao norte e oeste, onde atualmente foi criado um lugarejo de nome Annathal, e assim como as terras no vale do rio Cubatão grande e seus afluentes podem ser comparadas às melhores da Província. Todos os produtos da agricultura brasileira, como a mandioca e sua variedade comestível aipim, cana-de-açúcar, café, as diferentes espécies de tubérculos, batata-doce, cará, taiá, mangaritos, inhame, etc., arroz (chamado arroz de encosta) milho, feijão, abóboras crescem de maneira excelente na Colônia e propiciam um rendimento que jamais será alcançado pela batata e as variedades de cereais na Europa. Todas as espécies de frutas européias reunidas são substituídas pela

banana e suas variedades. Mesmo os legumes europeus, como pepinos, rábanos, salsa, nabos, couve etc., crescem muito bem, principalmente na época mais fria do ano e atingem, como por exemplo rábano e rabanetes, tamanhos nunca vistos na Europa. O tabaco cresce excelentemente e pode vir a ser de grande importância para a Colônia. As batatas também podem alcançar boa produtividade, no entanto a mesma não é sempre certa, devido ao la rar insuficiente da terra, atualmente. Foram feitas pequenas experiências com cereais europeus, e que até agora só deram resultados insuficientes. Mas não resta dúvida que os cereais podem desenvolver-se muito bem aqui como em outras regiões do Brasil, mas não devemos esquecer que o cultivo de cereais, mesmo que tenha êxito, nunca pode se estender muito, já que, como foi dito, os produtos naturais da terra têm uma capacidade produtiva muito maior e assim também darão muito mais lucro ao agricultor. Quando se consegue superar as lembranças do pão de centeio e similares, vê-se que o pão daqui, feito de farinha, milho e farelo de arroz, é muito mais delicado e saboroso que aquele e se temos a escolha entre a batata inglesa e os tubérculos nativos, a preferência cairá com certeza sobre os últimos.

A opinião pública local, no que se refere à agricultura, sofreu no último ano uma mudança radical e que promete trazer em breve os melhores resultados. No começo da Colônia, grande quantidade de sementes trazidas da Europa foi confiada à terra, que no entanto não produziu a colheita esperada, como é natural de um solo há pouco libertado da mata virgem e precariamente lavrado com a enxada. Com as culturas nativas deu-se o mesmo. Época errada de plantio e solo inadequado frustraram novamente as esperanças acalentadas. Isto provocou um grande desânimo e culpou-se a terra pelos erros cometidos por pura falta de conhecimento. Em face das primeiras tentativas desalentadoras, a maioria desistiu, principalmente com as oportunidades de trabalho que surgiam com a abertura de caminhos, e que ofereciam na época mais segurança e a certeza de um ganho certo. Mas estes trabalhos eram apenas temporários e com o seu término instalou-se uma crise série de desemprego e perda de ganhos, agravada pelo fato de que a maioria não tinha nada plantado em suas terras. Foram poucos os que não se deixaram desanimar pelas primeiras experiências mal-sucedidas e continuaram a trabalhar em suas terras, incorrendo, entretanto, no erro de lavrar a terra segundo a rudimentar maneira brasileira, embora sem poder concorrer com os brasileiros, já que aqui na Colônia não há escravos e as diárias muito altas encarecem demasiadamente o cultivo de grandes extensões de terra. Tudo isto só faz aumentar o desânimo geral, e os recém-chegados eram assustados com tristes narrativas, dizendo-se-lhes, com fisionomia chorosa: "Aqui não cresce nada e todo o trabalho é inútil!" Isto provocou um retrocesso lamentável. Segundo dados oficiais do Presidente da Província, havia em 1º de janeiro de 1855, 1194 habitantes

na Colônia. Com a chegada dos imigrantes durante o ano de 1855, este número deveria ter subido para 1401, mas ao invés disso, no final daquele ano havia apenas 901 pessoas na Colônia; cerca de 500 haviam deixado a Colônia, desanimadas; um estado de coisas que fazia prever as piores perspectivas. No entanto, já naquele mesmo ano ocorreu uma mudança radical da situação e da opinião pública. Foi com ânimo renovado que voltaram a dedicar-se à agricultura, lavrando novamente e melhor a terra, sem poupar esforços, plantando na época certa, observando cuidadosamente o clima e as fases da lua, e a colheita em 1855 mostrou resultados nunca vistos na Colônia até então. Isto estimulou positivamente os ânimos, e no ano passado os resultados foram tais que a Colônia está em condições de prover por si a maioria de suas necessidades, chegando mesmo a exportar. A conseqüência disto foi uma mudança total na opinião pública. Muitos dos que haviam abandonado, desanimados, a Colônia em 1855, voltaram em 1856, assim como outros voltariam se pudessem arcar com as despesas de viagem. Quatro navios trouxeram durante o ano, 556 novos colonizadores e a 1º de janeiro de 1857 a população era de 1428 pessoas, sendo 793 do sexo masculino e 635 do sexo feminino, e segundo a confissão havia 142 católicos e 1386 protestantes. Somente 42 pessoas deixaram a Colônia durante o ano de 1856. A grande maioria dos colonos compreendeu agora que é na agricultura que devem concentrar todas as suas forças; e os desmatamentos e plantações multiplicam-se a cada dia. Chegou-se à conclusão que, como os proprietários de terra (pequenos, em sua grande maioria) são proibidos de manter escravos dentro dos limites da Colônia, a falta de mão-de-óbra barata e de grandes extensões de terra à livre escolha deve ser suprida por uma agricultura racional e cuidadosa, cada vez mais semelhante aos moldes da agricultura européia, baseada no arado; e esta experiência, adquirida durante 5 anos de insucessos já produziu frutos benfazejos, e haverá de produzi-los ainda mais no futuro. Alguns dados estatísticos podem atestar a mudança da situação e o progresso verificado.

(continua no próximo número)

(Carta escrita pelos colonos da Colônia Dona Francisca aos alemães e suíços, pedindo sua publicação nos jornais da Alemanha; foi escrita em gótico em fevereiro de 1857, e o rascunho depositado na urna da pedra fundamental da Igreja da Paz, lançada a 1º de junho de 1857. Por ocasião da reforma da Igreja em 1960, os documentos foram retirados, microfilmados e colocados em outra urna, já que a original se encontrava em adiantado estado de oxidação. Os microfilmes fazem parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.)

Subsídios Históricos

Coord. e Trad.: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 4 de março de 1865:

Dona Francisca. - Ouve-se freqüentemente a queixa, partindo das colônias do Governo: Blumenau, Brusque, Teresópolis etc. de que os colonos não recebem nenhum documento referente às terras que lhes foram designadas, não podendo assim provar seus direitos e nem tampouco estabelecer as suas obrigações. Isto é um grande inconveniente, que pode ter conseqüências desagradáveis, conforme prova a experiência da colônia São Leopoldo. Aqui, nesta Colônia, todos os que adquirem terras, recebem um documento de designação e, mais tarde, depois do lote medido, mapeado e demarcado de todos os lados recebem a respectiva escrita de compra. Ambos os documentos são expedidos em duas vias, uma para a direção da Colônia, a outra para o comprador do lote e assim, todo o adquirente conhece, desde o princípio, os seus direitos e seus deveres. Tal disposição também poderia e deveria ser adotada nas colônias do Governo. Não há necessidade senão da autorização do Presidente da Província, para que o respectivo diretor da colônia possa aviar e ratificar os referidos documentos.

Notícias de 11 de março de 1865:

Dona Francisca. - No dia três de março o nosso engenheiro Wunderwald regressou de sua viagem de inspeção do prolongamento da Estrada da Serra. Este traçado já está fixado até a velha colônia alemã de Rio Negro, situada à margem do rio do mesmo nome e à beira da estrada principal, que segue de Lages a Lapa e mais para o Norte. Aquela colônia conta com quase 2.000 habitantes de origem alemã. Em toda a extensão pode ser construída uma boa estrada e a mesma terá um comprimento de 18 a 26 léguas a partir da casa de estacionamento, situada no sopé da Serra. A vertente entre o Rio Cubatão e o Rio Negro oferece boas condições para uma encruzilhada, para dali ser desviada uma estrada para Curitiba.

Dona Francisca. - O "Deutscher Turnverein" (Sociedade Alemã de Ginástica), fundada a 16 de novembro de 1858, atualmente conta com 42 sócios, sendo 14 ativos (ginastas) e 28 passivos, amigos da ginástica. Possui uma área para exercícios, com os aparelhos mais necessários, compreendendo: três barras, três paralelas, um trampolim, um cavalete para trapézio, uma trave horizontal, um cabo e um mastro para trepar. Estão sendo angariados donativos para a aquisição do estandarte da associação, donativos estes que já atingem

a 60 Milréis. Os exercícios têm lugar duas vezes por semana à noite e infelizmente são interrompidos, muitas vezes, devido ao mau tempo. No semestre passado tiveram lugar 38 dos 54 treinos, que foram freqüentados, em média, por 4/5 dos ginastas. Desde o dia 1º de outubro de 1864, o treinador, sr. Otto Eugen Müller, está ministrando aulas de ginástica para meninos, atualmente freqüentadas por 26 alunos, que praticam o exercício regularmente aos domingos à tarde e que já apresentam progressos animadores. Os pais deveriam aproveitar muito mais esta oportunidade, que se lhes oferece. A ginástica não só é saudável para o físico, mas também para a mente. Toda perfeição física acompanha o aperfeiçoamento intelectual. Como a energia gera a coragem, assim o vigor do físico acompanha a firmeza do caráter e quanto mais o homem domina o seu físico, melhor consegue superar as suas paixões.

Notícia de 25 de março de 1865:

Dona Francisca. - Domingo, dia 19 do corrente, a Companhia Brasileira, do sr. Leal Ferreira, deu um espetáculo no salão do sr. Ravache. Apesar do tempo desagradável, reuniu-se um público de mais ou menos 80 pessoas, um número bastante expressivo, se considerarmos que são poucos os habitantes locais que compreendem a língua do País. A representação agradou a todos e ofereceu mesmo aos que não conhecem o português, uma noite recreativa. O espaço limitado desta folha não nos permite crítica mais detalhada, mas cumpre-nos dizer que todos os artistas desempenharam muito bem os seus papéis e que o sr. Leal Ferreira, tanto nos papéis trágicos como nos cômicos, revelou-nos o seu grande talento. Segundo nos disse o sr. Leal Ferreira, ele ainda pretende abrir assinatura para 3 espetáculos, que terão lugar nos dias 1, 5 e 9 de abril, destinando a metade do lucro líquido das 3 apresentações a um fim beneficente. Fazemos votos para que os moradores desta Colônia contribuam para o êxito deste ato desinteressado, comparecendo em grande número às apresentações, assim demonstrando, além de seu sentimento caridoso, também o seu amor à arte.

---- x ---- x ----

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

Relatório Trimestral - Jan./Fev./Mar., 1986.

1. Atividades:

1.1 No dia 6 de fevereiro, participamos de reuniões na sede administrativa da Fundação Cultural de Joinville, com Ione Maria Otto, diretora de Planejamento e Elaine Maria Otto, diretora de Letras da Fundação Catarinense de Cultura, a fim de sermos incluídos no acordo cultural Brasil-República Federal da Alemanha. Estiveram presentes o presidente da Fundação Cultural de Joinville, Miraci Dereti, Afonso Imhof, diretor do Museu Arqueológico do Sambaqui, Albertina Tuma, diretora da Casa da Cultura, Silvia Heinzelmann, assessora do Museu de Arte de Joinville, Arthur Pfuetzenreuter, secretário de Cultura de São Bento do Sul e o maestro Luis Fernando Melara, diretor da Escola de Música Villa-Lobos. Nesta ocasião foi solicitado apoio às artes plásticas e cênicas através de bibliografia especializada nas diversas áreas, doação de material didático, de equipamentos para o Museu Arqueológico de Sambaqui e Arquivo Histórico, apoio no desenvolvimento de projeto etnológico, e a vinda de um restaurador especializado em edificações de madeira.

1.2 Em março, passamos a contar com mais uma funcionária: a arquivista e historiadora Fátima Tenilda Rodrigues Cassales, formada na Universidade Federal de Santa Maria, RS. Sua primeira providência foi verificar a quantificação do acervo, constatando que temos 500 metros lineares, passando a organizar em seguida o acervo fotográfico, trabalho ainda em andamento.

1.3 Nos dias 13 e 14 de março, recebemos a visita de Gilson Antunes, coordenador do Programa Nacional de Preservação de Documentação Histórica (Pró-Documento), da Fundação Nacional Pró-Memória, que passará a dar assessoramento técnico ao Arquivo

Histórico de Joinville. A vinda de Gilson Antunes é resultado da visita do secretário nacional do SPHAN, Ângelo Osvaldo de Araújo

a Joinville, em outubro de 1985. "Esse tipo de assessoramento", na opinião de Antunes, "constitui-se num "dever", pela importância de se manter no país um caráter preservacionista, e por isso é estendido a outras regiões do Brasil. No Brasil, o trabalho de recuperação do patrimônio têm sido muito importante e em Joinville podemos sentir uma sensibilidade para com a área cultural que entusiasma, pelo fato desta proposta se aproximar muito com o trabalho da Fundação. Principalmente pelos traços deixados pela colonização germânica nesta região, a exemplo da colonização italiana no Rio Grande do Sul, os resultados tendem a ser bastante favoráveis", salientando o trabalho desenvolvido em Caxias do Sul. Depois de visitar o Arquivo atualmente instalado no prédio da Biblioteca Pública Municipal Rolf Colin, à Praça Lauro Müller, e as novas dependências na rua Dona Francisca - que esperamos inaugurar em meados do ano - Gilson diz ter notado uma diferença sensível. "O prédio é dotado das melhores condições possíveis e está entre os melhores arquivos do Brasil, seu acervo totalmente centrado para a colonização germânica é muito rico. É preciso, por isso, que inicialmente se estimule ainda mais seu caráter histórico, englobando posteriormente o arquivo administrativo da cidade, pois as demais entidades da sociedade, como sindicatos, empresas e igrejas, possuem muitas informações e podem ser coletadas e enriquecerão ainda mais o legado histórico e cultural do município". Com a inauguração do novo prédio, temos certeza de que serão feitas muitas doações valiosas, pois a existência de documentação histórica é muito grande entre os joinvillenses. Gilson nos prometeu a vinda de técnicos, para conhecerem as condições de acondicionamento, área de depósi-

to e distribuição do arquivo, o que aconteceu com a chegada, a 25 de março, de Mônica Medrado, arquivista, e Jorge Sahione, engenheiro de climatização. Mônica veio nos orientar na transferência do acervo para o novo prédio e posteriormente na identificação de documentos dispersos na comunidade. Jorge prestará assessoramento ainda durante a construção, orientando sobre o tipo ideal de climatização, além do lay-out do laboratório fotográfico, sala de restauração, salas de trabalho e pesquisa. Neste assessoramento poderão ser envolvidos ainda outros órgãos do Ministério da Cultura, como a Cinemática Nacional e o Instituto Nacional de Fotografia, InFOTO - FUNARTE.

1.4 Neste trimestre, conseguimos concluir a ordenação alfabética e cronológica de nossos periódicos (almanaques, revistas e anuários), separando as duplicatas e passando estes dados para fichas Kardex. São 557 títulos e 7510 exemplares. Foi um trabalho extremamente demorado e difícil, devido à absoluta falta de espaço e reduzido número de funcionários. Futuramente estas duplicatas serão objeto de intercâmbio com outras instituições congêneres. O mesmo trabalho será feito, numa segunda etapa, com os jornais, dos quais temos também uma considerável soma e variedade.

1.5 Estamos procedendo a seleção de todo o material guardado em 700 caixas de camisa, alfabetadas. Temos 600 assuntos, e a maioria do material é recorte de jornal. Estes recortes estão sendo revisados para verificar se estão classificados de acordo com o título da caixa, colocados em ordem cronológica e numerados. O mesmo acontecerá com as pastas (mais de 300) guardadas em arquivos de aço. Todo este trabalho visa separar duplicatas e corrigir erros de classificação, de modo que por ocasião da transferência do acervo, já estejamos com uma parte, - muito pequena é verdade - organizada.

2. Pesquisas:

Durante a primeira semana de janeiro, recebemos a visita do casal Sandra Messele-Wieser e Lothar Wieser, da Universidade de Göttingen, RFA. O sr. Wieser percorreu diversas regiões de colonização alemã, pesquisando sobre Sociedades Ginásticas Alemãs, para um trabalho de tese. Passou 4 dias entre nós, e ficou surpreso com a riqueza e quantidade de material que lhe apresentamos.

3. Visitas:

Durante os meses de férias, recebemos várias visitas de turistas, brasileiros como estrangeiros, que mostravam interesse e curiosidade em conhecer a nossa história, a origem de nossos imigrantes, etc. Dentre estas visitas, queremos destacar a do Dr. Klaus Richter, do Staatsarchiv de Hamburgo, que nos procura sempre que vem ao Brasil.

4. Doações:

Recebemos da Sra. Luiza Weiss Voss e Reinoldo Gustavo Becker, documentos diversos; Ursula Hoffmann e Erna Neumann, valiosos postais; e Reinaldo Barth uma bíblia (1831) e um hinário (1790).

5. Serviços feitos no Trimestre:

5.1 Cópias xerox..... 920 p.

5.2 Consultas:

Jornais.....	120
Diário Oficial.....	55
História.....	59
Genealogia.....	10
Total.....	244

5.3 Correspondência:

Expedida..... 234

Recebida..... 98

5.4 Encadernação:

Enviados..... 39

Recebidos..... 62 v.

5.5 Recortes:

Jornais..... 3794 p.

Revistas..... 482 p.

Total..... 4276 p.

5.6 Clasificação dos Recortes:

Jornais..... 3794 p.

Revistas..... 482 p.

Total..... 4276 p.

CONTRIBUA PARA O ACERVO DO AHJ

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ
Praça Lauro Müller, s/n
Cx.Postal D-100
89200 - Joinville - SC
Tel.: (0474) 22-2154

Aceitamos doações e fornecemos recibos de jornais, documentos, fotografias antigas